

UNIVERSIDADE NA ESCOLA: PROJETOS DE ENSINO DE HISTÓRIA

Fausto Alencar Irschlinger*
Tânia Regina Zimmermann**

IRSCHLINGER, F. A.; ZIMMERMANN, T. R. Universidade na escola: projetos de ensino de história. *Educere*. Umuarama. v. 5, n. 1, p. 3-13, 2006.

RESUMO: Buscamos discutir limites e possibilidades sobre a formação de professores, os estágios em Prática de Ensino de História e a atuação da Universidade no ensino junto à comunidade escolar. Nesse sentido, apresentamos a proposta dos “Projetos de Ensino de História” no ensino fundamental e médio, na rede pública estadual de Cascavel-PR, em que se busca aproximar a Universidade (UNIPAR) e os estabelecimentos de ensino, visando à melhor formação dos professores estagiários e proporcionar maior conhecimento e reflexões aos alunos das Escolas públicas. Nesse aspecto, promovemos atividades/oficinas em torno da História do Paraná e de temas transversais (previstos nos PCNs de História) com alunos do ensino médio e fundamental, envolvendo os estagiários de História, professores-supervisores de estágio, escolas e professores estaduais.

PALAVRAS-CHAVE: História; ensino de História; projetos de ensino; formação de professores.

UNIVERSITY AT SCHOOL: PROJECTS OF TEACHING HISTORY

ABSTRACT: We search to discuss limits and possibilities on the formation of teachers, the periods of training in Practical of History Education and the performance of the University towards the education in the community school. In this direction, we present the proposal of the “Projects of History Education” in elementary and high education, in the public schools of Cascavel-PR, where it objectives to approach the University (UNIPAR) and the educational establishments, aiming at the best formation of the probationary teachers and at providing greater knowledge and reflections to the pupils of the public Schools. In this aspect, we promote activities/workshops around the History of Paraná and transversal subjects (foreseen in the PCNs of History) with pupils of high and elementary education, involving the trainees of History, public supervisor teachers

*Professor mestre da Universidade Paranaense - Campus Cascavel - PR; faustoi@bol.com.br
fausto@unipar.br

**Professora mestre da Universidade Paranaense - Campus Cascavel - PR; zimmermannania@hotmail.com

Endereço para correspondência: Fausto Alencar Irschlinger, Rua Jataí, 230 - Tropical, Cascavel - PR 85807-120

of the training period, schools and teachers.

KEY WORDS: History; History education; projects of education; formation of teachers.

INTRODUÇÃO

Trabalhando na formação de professores de História, estamos envolvidos pelo “fascínio” e, ao mesmo tempo, pelas “incógnitas/receio”. Pelo fascínio, pois temos a oportunidade de discutir, apresentar possibilidades e nos tornarmos partes constitutivas da formação destes importantes e insubstituíveis profissionais. Já, estarmos envolvidos pelas “incógnitas/receio” se deve à grande responsabilidade que isso acarreta, bem como às dificuldades que encontramos na tentativa de tornar os estágios em Prática de Ensino, além de teóricos, meios práticos para o percurso humano em direção à almejada práxis transformadora. No entanto, somos impulsionados a refletir e perseguir passos operativos, que possam atenuar o desgastado problema refletido em aliar teorias e práticas.

Nesse sentido, inúmeras questões emergem em torno da formação de professores, no que se refere à sua bagagem teórica e metodológica; habilidades formativas e pessoais, para trabalhar com as diversidades e situações desafiadoras em sala de aula; posicionamentos sobre propostas governamentais e pedagógicas.

Temos assim, um borbulhar de questões de cunho pedagógico em torno da formação dos acadêmicos-estagiários. Desse modo, queremos nos direcionar ao estágio curricular como um fator relevante, mas não único na formação do futuro profissional da Educação. Lembramos, ainda, que o estágio curricular é tema de inúmeros debates no Brasil (como a educação escolarizada), levantando inúmeras discussões quanto à sua aplicabilidade, à mediação entre teoria e prática e à sua adequação junto às renovadas propostas e “novos rumos” da História. Parece que, ao mesmo tempo em que nos remetemos a “renovações”, visualizamos entraves.

Adicionados a esses entraves, detectamos uma certa inadequação da educação escolarizada ao panorama social brasileiro. Ligado a isso, temos o estágio, que, ao perseguir seus objetivos formativos, deveria tomar como ponto de partida a realidade e o cotidiano da sala de aula como fontes de conhecimento. Assim destaca Almeida:

Se o cotidiano de sala de aula caracteriza-se como fonte inesgotável de conhecimento, é daí que deverão ser retirados os elementos teóricos que permitam compreender e direcionar uma ação consciente que procure superar as deficiências encontradas e recuperar o real significado do papel do professor no sentido de apropriar-se de um “fazer” e um “saber fazer” adequados

ao momento que vive a escola atual¹.

Servindo-nos das reflexões de Almeida, ao destacar o funcionamento da escola e das práticas de ensino, gostaríamos de salientar algumas distorções que poderiam ser percebidas nesse processo:

1) o conhecimento e a técnica não garantem um resultado final satisfatório, se se ignora o elemento humano como sujeito histórico; 2) o treinamento em métodos e técnicas não substitui a reflexão crítica; 3) o conteúdo assimilado somente como informação é passível de cair no esquecimento; 4) o foco principal da Prática de Ensino desloca-se para a carga horária dos estagiários como um objetivo a ser atingido e não como um meio para se alcançar determinados fins².

Entretanto, apesar das problemáticas apontadas, somos inspirados pela perspectiva de que o estágio possa ser um dos instrumentos valiosos na formação do professor, sendo um aliado ao chamado saber fazer: um fazer politicamente comprometido, que vise romper com a alienação, que não esteja centrado somente na técnica, mas na reflexão, e não seja apenas um mero requisito a ser cumprido pelo estagiário, mas uma possibilidade de espriar ações sociais.

Chamamos atenção, como destaca Almeida, ao papel do professor estagiário como agente comprometido com a educação, um ser dotado de criatividade e que possa substituir um estágio curricular acrítico e apenas descritivo, por um estágio crítico e relevante, interagindo com os sujeitos envolvidos.

Nessa perspectiva, apresentamos uma proposta de trabalho que pode contribuir com a idéia de um processo de estágio renovador. Trataremos, aqui, dos “Projetos de Ensino de História”.

ESTUDO DE CASO

Projetos de Ensino de História: limites e possibilidades

Os projetos abaixo relacionados se traduzem em uma nova experiência, embora de curta execução, mas relevante pela possibilidade de ser uma referência para o trabalho contínuo em sala de aula com sentido e que rompa com a mera (re)produção do conhecimento e que revele na sua operacionalização os sujeitos envolvidos no projeto, para que possam pensar e se pensar historicamente. Nesse sentido, propõem-se nos projetos uma metodologia dinâmica e crítica, oferecendo desse modo, mais de uma visão sobre determinados temas, sujeitos e temporalidades em uma perspectiva interdisciplinar.

Nessa lógica, os projetos inserem-se na proposta do ensino por eixos

¹ ALMEIDA, Jane Soares de. Estágio supervisionado em prática de ensino – relevância para a formação ou mera atividade curricular? ANDE: Revista da Associação Nacional de Educação – Ano 13 – n. 20. 1994, p. 39.

² Idem, p. 40.

temáticos, cuja concepção de História é um “vir a ser” que acontece a partir das experiências cotidianas de professores, alunos e demais funcionários envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. O ensino de História nesta metodologia não implica no abandono do conteúdo, da visão da História como um processo com suas rupturas e continuidades e da cronologia, pois devemos partir de um determinado sistema de referências.

Através da realização dos Projetos de Ensino, buscamos aproximar o “mundo” das Universidades com o “mundo” dos Estabelecimentos de Ensino públicos, no caso, de Cascavel-PR. Nesse sentido, promovemos aulas, oficinas e atividades em torno da História do Paraná junto a alunos do ensino médio e fundamental, envolvendo os alunos estagiários em História, professores e supervisores de Estágio (UNIPAR), professores estaduais e comunidade escolar.

Além de temáticas sobre a História do Paraná, também são desenvolvidos projetos que abordam temas como cidadania e identidade, diferenças sócio-econômicas e culturais, diferenças étnicas, etárias e de gênero,³ como podemos observar no demonstrativo que segue:

<p>Temática 1: História do Paraná</p> <p>A) Paraná: Ciclos Econômicos;</p> <p>B) Paraná: Imigração, Cultura e Sociedade.</p>
<p>Temática 2: História e Cidadania</p> <p>A) Identidade e Cidadania;</p> <p>B) Diferenças sócio-econômicas, culturais, sociais, etárias e de gênero.</p>

Acreditamos que a história estudada por temáticas possibilite uma aprendizagem significativa, viabilizando uma construção de conhecimentos, pois é vista por um prisma de graduação de complexidades – partindo dos princípios (conceitos) mais gerais e relevantes, até chegar aos específicos. Trabalhar temáticas implica novas problemáticas e diferentes visões dos vários grupos sociais, com aspectos mais próximos dos alunos e da sua sociedade.

Com a preparação e desenvolvimento desses temas, objetivamos entre outros aspectos:

³ De certa forma, as temáticas apresentadas estão previstas nos Parâmetros Curriculares Nacionais de História. Já quanto às obras que tratam da possibilidade de articulação entre pesquisa e ensino, pensando conceitos-chave como identidade, cultura, cidadania e gênero e tratam de análises dos Parâmetros Curriculares Nacionais, podemos citar: ABREU, Martha; SOIHET, Rachel (Orgs.). Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologias. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003; FONSECA, Selva G. A nova LDB, os PCNs e o Ensino de História. In: Didática e prática de ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados. Campinas: Papyrus, 2003; NETO, José Alves de Freitas. A transversalidade e a renovação no ensino de história. In: KARNAL, Leandro (Org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2004.

- ♦ Proporcionar aos alunos do Ensino Médio e Fundamental maior conhecimento e reflexões sobre a história do Paraná e região, bem como sobre seu papel como sujeitos históricos;
- ♦ Possibilitar aos alunos/professores/estagiários de Licenciatura em História, vivenciarem o ambiente escolar, preparando-se para a sua vida profissional e desempenhando ações práticas em torno do ensino de História;
- ♦ Possibilitar aos alunos/professores estagiários uma prática docente mais dinâmica;
- ♦ Proporcionar uma maior integração entre Universidade, Curso de História e Escolas.

Para termos uma idéia do campo de abrangência dos projetos, elaboramos um quadro demonstrativo dos módulos desenvolvidos em 2004 e 2005.

Módulos:

Escola:	Bairro:	Nº de turmas envolvidas:	Estagiários envolvidos:
1º SEMESTRE/2004			
Col. Estadual Pe. Carmelo Perrone	Alto Alegre	20 - Ensino Médio - MT	55 - 6º período de história
Col. Estadual Júlia Wanderley	Claudete	10 - Ensino Médio - NT	30 - 3º ano NT
Col. Est. Eleodoro Pereira	Centro	18 - Ensino Médio - MT	60 - 3º ano MT
2º Semestre/2004			
Col. Estadual Mário Quintana	Paulo Godoy	07 - Ensino Médio - MT	21 - 3º ano MT
Col. Estadual São Cristóvão	São Cristóvão	08 - Ensino Médio - MT	24 - 3º ano MT
Col. Est. Santa Cruz	Santa Cruz	08 - Ensino Fundamental	37 - 2º ano MT
1º semestre/2005			
Col. Est. Wilson Joffre	Centro	19 - Ensino Médio - MT	64 - 3º ano MT
Col. Est. Eleodoro Pereira	Centro	10 - Ensino Médio - NT	44 - 3º ano NT
2º semestre/2005			
CEEBJA - Prof.ª Joaquina Branco	Centro	10 - Ensino Médio - NT (EJA)	44 - 3º ano NT
Col. Est. Wilson Joffre	Centro	19 - Ensino Médio - MT	64 - 3º ano MT
Col. Est. P. Victorio E. Abrosino	Parque Verde	7 - Ensino Médio - NT	28 - 3º ano NT
		Total Turmas: 136 T. Alunos: 4760	

Vale ressaltar que, oficialmente, nosso campo de estágios foi acertado pelo Núcleo Estadual de Ensino de Cascavel⁴. Logo, além de trabalhar com pesquisas, observações, regências e projetos nas escolas designadas, acabamos ampliando nossa área de atuação, seja pela necessidade de trabalho dos estagiários ou pela acolhida de nossos projetos.

Também fica perceptível com o demonstrativo anterior, o expressivo número de alunos envolvidos nas escolas públicas, bem como a participação dos estagiários. Além dos projetos serem inéditos na área da História em Cascavel, são considerados pioneiros e inovadores pelas escolas que já os receberam, o que rendeu matérias em jornais locais e reportagens na mídia televisiva⁵.

Mas, além dos números e grupos envolvidos, gostaríamos de apresentar os passos operativos em torno dos projetos de ensino. Esses projetos, após idealizados conjuntamente pelos professores de Prática de Ensino em História da UNIPAR (campus Cascavel), são apresentados e efetuados em parceria com os citados Estabelecimentos de Ensino. Desse modo, as escolas são contatadas e esclarecidas anteriormente sobre os objetivos, temas e possibilidades de trabalhos, podendo sugerir alguns procedimentos.

Através de esclarecimentos e preparações prévias, desempenhados com os estagiários de História, os mesmos organizam suas ações na busca e seleção de materiais e estratégias de atividades, sendo orientados pelos professores de Metodologia e Prática de Ensino⁶. Vale salientar a contribuição de certas disciplinas na formação dos estagiários (como História do Paraná) para o processo preparatório dos projetos.

Após formar pequenos grupos de estagiários, passam a ser preparadas as aulas e as atividades/oficinas, as quais buscam ser desenvolvidas de forma dinâmica e abrangendo um número significativo de turmas nas escolas. Posteriormente, os estagiários e professores são deslocados para a escola, o que chamamos de “Universidade e História na Escola”. O tempo de execução do projeto em uma escola pode variar de cinco a dez horas e sua preparação atinge cerca de dois

⁴ Campo de estágio: Colégio Estadual Wilson Joffre; Col. Est. Júlia Wanderley; Col. Est. Marilis F. Pirelli; Col. Est. Eleodoro É. Pereira; Col. Est. Pe. Carmelo Perrone; Col. Est. Cataratas; Col. Est. Washington Luiz; Col. Est. Jardim Clarito; Col. Est. Jardim Santa Cruz; Col. Est. Santos Dumont.

⁵ Reportagens no jornal: Alunos ministram aula sobre História do PR. Hoje, Cascavel-PR, 11 mai. 2004. p. 14; Projetos de História na Escola. O Paraná, Cascavel-PR, set. 2004; ago. 2005; RPC-Rede Paranaense de Comunicação. História na escola. Cascavel. TV Oeste, Outubro de 2004 e 1º de Setembro de 2005 (reportagens em rede estadual).

⁶ Estamos apresentando alguns aspectos dos projetos de ensino de história, no entanto, discussões sobre o arsenal crítico do conhecimento histórico e questões sobre a didática da história podem ser vistos em: DIEHL, Astor Antônio; MACHADO, Ironita P. Apontamento para uma didática da história. Passo Fundo: Clio, 2001; FONSECA, Selva G. op. cit.; BITENCOURT, Circe. (Org.). O Saber Histórico na Sala de Aula. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

meses por módulo⁷.

Nesse sentido, auxiliando nas aulas expositivas e dialogadas, os estagiários buscam utilizar ou criar diversos materiais em torno das temáticas propostas, como mapas específicos, cartazes, jornais impressos, imagens, charges, painéis contendo fotos e textos explicativos e materiais de auxílio diversos em torno dos ciclos econômicos e questões sócio-culturais referentes ao Paraná.⁸ Quanto aos temas de cidadania, identidade e diferenças sócio-econômicas, também são preparadas atividades, podendo variar desde a apresentação de danças, representações, trabalho com músicas e paródias, trabalho com estatutos, direitos e normas, cartazes, imagens, charges, painéis, aspectos comportamentais, indumentárias, até o uso de outras técnicas.

No decorrer das atividades, também podem ser criados, com os alunos das escolas, diversificados materiais em torno das temáticas bases, promovendo maior interação entre os envolvidos, além da exposição de idéias e esclarecimentos de dúvidas. Logo, o objetivo desses trabalhos não está calcado na simples substituição dos conteúdos pelas técnicas, mas em proporcionar atividades ligadas aos temas que possam auxiliar na reflexão por parte dos alunos, despertando seu papel como sujeitos históricos em meio às diferenças e pré-conceitos.

Junto ao desenvolvimento ou após a realização dos projetos, buscamos detectar suas contribuições e seus limites, tanto na perspectiva da escola envolvida (direção, professores, alunos), como por parte das experiências adquiridas e sugestões dos professores estagiários. Com a realização de cada módulo, retornamos à escola procedendo avaliações e considerações sobre os trabalhos.

Tratando de avaliações, limites e possibilidades, podemos considerar que as atividades desenvolvidas em torno dos projetos ocorreram de forma positiva, destacando que a disponibilidade dos colégios dos coordenadores e o acompanhamento por parte dos professores da instituição revelam-se centrais na realização dos trabalhos e na obtenção dos objetivos alinhavados.

Os horários dos trabalhos também podem ser considerados adequados, bem como a estrutura geral dos projetos, mas se destaca a necessidade de ampliação do tempo de execução. Conforme as avaliações gerais dos estagiários, o desempenho do projeto, na maioria das vezes, superou as expectativas, chegando a categorizá-

⁷ Cabe lembrar que todos os professores das escolas envolvidas, independentemente de pertencerem à área das Ciências Humanas, são convidados para acompanhar os projetos de ensino, obtendo a possibilidade de estabelecer relações com seus conteúdos, algo que melhor fomentado, poderia interligar a perspectiva do ensino temático e multicultural presente nos próprios PCNs. Assim, chamamos atenção para as considerações de Selva G. Fonseca, ao discutir a necessidade de uma mudança pedagógica na formação inicial e continuada do docente, pois a formação se dá ao longo da história de vida dos sujeitos, somada com suas experiências docentes. (FONSECA, op. cit.).

⁸ Em meio a uma diversidade de subsídios podemos citar obras como: WACHOWICZ, Ruy. História do Paraná. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002; STECA, Lucinéia Cunha; FLORES, Mariléia Dias. História do Paraná: do século XVI à década de 1950. Londrina: Ed. UEL, 2002.

lo como uma “excepcional experiência-prática para a formação de professores de história”, além de “uma boa oportunidade para desenvolver trocas de experiências com seus colegas estagiários e com os professores da escola”, ou ainda como “uma boa alternativa para perder o medo de enfrentar uma sala de aula”⁹.

Outro ponto fundamental é a percepção e o posicionamento da maioria dos alunos das escolas, que destacam a maneira dinâmica e participativa dos trabalhos, aliando à história de seu Estado e região, noções de cidadania, deveres e direitos, aspectos culturais, o que contribui para o conhecimento e formação crítica.

Nas avaliações dos estagiários, fica evidente que se tornou possível, com o desempenho dos projetos, conhecer uma nova realidade de trabalho, bem como obter retornos diferenciados na aplicação das temáticas em mais de uma turma de alunos, percebendo, assim, as diversidades.

No entanto, no que se refere aos limites, alguns pontos merecem destaque. Apesar de contatos e preparações anteriores com as escolas e seus coordenadores, nem todos os professores do estabelecimento de ensino optam por acompanhar as atividades e projetos, alegando usar esses horários para os fazeres burocratizados. Outro aspecto mostra que alguns alunos de ensino fundamental e médio demonstram, inicialmente, um certo descontentamento com a disciplina de história, o que acaba exigindo outras estratégias, que visam ao seu envolvimento com os projetos apresentados pelos professores estagiários. Mas, na maioria dos casos, em meio à sua realização, acabam se incorporando e participando das oficinas e atividades propostas.

No que se refere aos estagiários, podemos detectar, inicialmente, uma certa apreensão frente ao desafio dos projetos e suas temáticas. Mas, em sua maioria, fica evidente seu comprometimento e significativa preparação e participação nas atividades do projeto. Porém, um pequeno número desses “novos professores” nem sempre acabam se empenhando a contento, merecendo, assim, maiores reflexões e motivação para sua prática.

Quanto aos professores de Metodologia e Prática de Ensino, é visível seu comprometimento na realização dos projetos e sua contribuição com esses novos profissionais. No entanto, revelam a necessidade de obterem um tempo ainda maior (delegado pelas instituições superiores) para seu deslocamento e acompanhamento dos estagiários, visando ao compromisso de auxiliar o saber fazer.

Nesse sentido, sente-se a necessidade de ampliação dos trabalhos em torno da História do Paraná, cidadania e identidade, e do desenvolvimento de uma maior consciência sócio-cultural, com a ampliação de parcerias entre Universidades e Escolas. Cabe também citar:

⁹ Pequenos relatos extraídos das avaliações dos estagiários de Licenciatura em História (Cascavel, novembro de 2004).

Se os estágios em Prática de Ensino feitos durante a formação forem produtivos e ricos em experiência e a não um fazer burocratizado que vise apenas o cumprimento de carga horária exigida, estes serão um instrumento valioso para desenvolver a postura crítica e proporcionar o referencial teórico-prático necessário ao profissional que exigem os tempos atuais, para a melhoria da escola e da educação – com conseqüências sociais alentadoras, mesmo que seja a longo prazo¹⁰.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos aqui apresentar a modalidade de projetos de ensino como uma possibilidade, auxiliando na preparação e formação de professores e seu referencial teórico-prático, contribuindo para o que chamamos de “fascínio”. Além disso, essas alternativas podem proporcionar uma maior integração entre Universidade e Escolas públicas; entre estagiários e alunos do ensino fundamental e médio; entre formação e reflexão, valorizando o aluno e seu universo. Outro ponto importante diz respeito à busca da transversalidade, incluindo as demais áreas do conhecimento no trabalho com os projetos e temáticas bases¹¹.

Reforça Fonseca, ao defender a necessidade de uma reflexão permanente sobre nossa formação e ações, no texto que trata da nova LDB, dos PCNs e do ensino de História:

ensinar e aprender história requer de nós, professores de história, a retomada de uma velha questão: o papel formativo do ensino de história. Devemos pensar sobre a possibilidade educativa da história, ou seja, a história como saber disciplinar que tem um papel fundamental na formação da consciência histórica do homem, sujeito de uma sociedade marcada por diferenças e desigualdades múltiplas. Requer assumir o ofício de professor de história como uma forma de luta política e cultural. A relação ensino-aprendizagem deve ser um convite e um desafio para alunos e professores cruzarem ou mesmo subverterem as fronteiras impostas entre as diferenças culturais e grupos sociais, entre a teoria e a prática, a política e o cotidiano, a história, a arte e a vida¹².

Vale lembrar que a função formadora da Universidade não se concretiza de uma só vez, sendo um processo contínuo, que não se produz apenas no interior de um grupo, sendo resultado de condições históricas. A formação de profissionais como pessoas e cidadãos é uma das tarefas complexas a ser desenvolvida pelas Universidades, mas não como obstáculo, e sim como desafio. Se parece importante os profissionais terem consciência dos problemas, também é importante proporem alternativas para a sociedade brasileira.

O estágio dinamizado através de projetos de ensino contribui expressivamente

¹⁰ ALMEIDA, op. cit., p. 42.

¹¹ Discussões sobre o uso de temáticas no ensino de História, podem ser melhores observadas em obras, como: CAIMI, Flávia Eloísa; MACHADO, Ironita P.; DIEHL, Astor A. O livro didático e o currículo de história em transição. Passo Fundo: UPF, 2002.

¹² FONSECA, op. cit., p. 37.

para a relação entre teoria e prática e o processo de ensino-aprendizagem. Já o estágio curricular desenvolvido individualmente ou em parceria em uma determinada turma(s) de alunos não pode ser descartado, mas dinamizado e não apenas como cumprimento isolado de horas burocratizadas. Vale lembrar que as problemáticas, os “jogos de interesses” e as próprias “incógnitas/receio”¹³ com relação à educação formação em nosso país representam desafios cíclicos que merecem ser superados.

REFERÊNCIAS

ABREU, M.; SOIHET, R. (Orgs.). **Ensino de história: conceitos, temáticas e metodologias**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ALMEIDA, J. S. de. Estágio supervisionado em prática de ensino – relevância para a formação ou mera atividade curricular? **ANDE: Revista da Associação Nacional de Educação**, a. 13, n. 20. 1994.

AZEVEDO, M. A. de; TARRAZAN, E. A. Formação de professores nas licenciaturas: quadro geral e perspectivas. **Reflexão e ação**, Santa Cruz do Sul, v. 7, n. 1, p. 57-67, jan./jun. 1999.

BITTENCOURT, C. (Org.). **O Saber histórico na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

CAIMI, F. E.; MACHADO, I. P.; DIEHL, A. A. **O livro didático e o currículo de história em transição**. Passo Fundo: UPF, 2002.

CHAUÍ, M. As humanidades contra o humanismo. In: SANTOS, G. A. (Org.). **Universidade, formação, cidadania**. São Paulo: Cortez, 2001.

DIEHL, A. A.; MACHADO, I. P. **Apontamento para uma didática da história**. Passo Fundo: Clio, 2001.

FÁVERO, M. de L. de A. Universidade e estágio curricular: subsídios para discussão. In: ALVES, H. (Org.). **Formação de professores: pensar e fazer**. São Paulo: Cortez, 1999.

FONSECA, S. G. A nova LDB, os PCNs e o ensino de história. In: **Didática e prática de**

¹³Tratando de problemáticas podemos destacar as considerações de Chauí, especialmente quando trata do complexo papel dos poderes governamentais constituídos no Brasil, das Universidades, do mercado de trabalho, e das ingerências externas (como o Banco Interamericano de Desenvolvimento) em torno da formação profissional brasileira. Assim, analisando o que chama de “as humanidades contra o humanismo” traz à luz indignações, onde, apesar das “mudanças” governamentais ocorridas em nível federal, se mostram bastantes atuais: CHAUÍ, Marilena. As humanidades contra o humanismo. In: SANTOS, Gislene A. (Org.) Universidade, formação, cidadania. São Paulo: Cortez, 2001. Temos ainda: AZEVEDO, Maria Antonia de; TARRAZAN, Eduardo Adolfo. Formação de professores nas Licenciaturas: Quadro Geral e Perspectivas. In: Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v. 7. n. 1, p. 57-67, jan./jun. 1999; FÁVERO, Maria de Lurdes de Albuquerque. Universidade e estágio curricular: subsídios para discussão. In: ALVES, Hilda (Org.). Formação de professores: pensar e fazer. São Paulo: Cortez, 1999.

ensino de história: experiências, reflexões e aprendizados. Campinas: Papirus, 2003.

FREITAS NETO, J. A. de. A transversalidade e a renovação no ensino de história. In: KARNAL, L. (Org.). **História na sala de aula:** conceitos, práticas e propostas. São Paulo: Contexto, 2004.

STECA, L.C.; FLORES, M.D. **História do Paraná:** do século XVI à década de 1950. Londrina: UEL, 2002.

WACHOWICZ, R. **História do Paraná.** Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

Recebimento em: 06/02/2005

Aceito em: 07/04/2005

PÓS-GRADUAÇÃO UNIPAR

2006

CIÊNCIAS HUMANAS

Campus Umuarama

- Especialização em Docência do Ensino Superior: Fundamentos e Práticas Educativas
- Especialização em Educação Especial
- Especialização em Educação Física Escolar
- Especialização em Língua Inglesa com Ênfase em TESOL
- Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira
- Especialização em Práticas de Laboratório para o Ensino de Ciências:
Níveis Fundamental e Médio

Campus Toledo

- Especialização em Pedagogia da Educação Física e do Esporte na Escola
- Especialização em Psicopedagogia

Campus Guaíra

- Especialização em Educação Especial: Formação Integrada
- Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional

Campus Cascavel

- Especialização em História Regional: Olhares Sobre o Paraná
- Especialização em Língua Inglesa com Ênfase em TESOL
- Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira

Campus Francisco Beltrão

- Especialização em História do Brasil

QUEM PENSA FAZ.



www.unipar.br